

CARTAS DE GUERRA

Cel. LIMA FIGUEIREDO

Sempre foi motivo de alegria receber-se correspondência de um ente querido distante, mas, se a missiva nos vem às mãos em momentos de sofrimento ou desânimo, tem a força de um revigorante. O recebimento de uma carta é um consolo, é a prova de que alguém se está interessando por nós.

Na guerra, a correspondência entre o combatente e sua família, seus amigos e, finalmente, sua pátria é cousa essencial. Há interesse em manter-se o soldado em constante contacto com tudo que lhe fale dos seus e da sua terra. O intercâmbio de correspondência é incrementado por todos os processos, por meio de jornais e planfletos, assim como por intermédio de comissões de senhoras que se encarregam de enviar notícias aos que se batem no campo da honra.

Na China, a correspondência entre o chefe e sua família tem uma importância inaudita. Se o dono duma casa ausentar-se e esquecer-se de comunicar-se, pelo correio, com sua família, perante os vizinhos esta "perde a face", isto é passa a merecer-lhes menos consideração, porquanto até seu chefe não se preocupa com ela. Para que isto não suceda há escritórios especializados em correspondência epistolar. Basta escolher o estilo e fazer a encomenda: tantas missivas por semana ou tantas por mês. Assim não haverá o perigo da sua respeitável família "perder a face" no conceito dos vizinhos bisbilhoteiros.

Na atual guerra há reclamação geral não só das famílias que se acham no Brasil como dos nossos patrícios que lutam na Itália. Todos são unânimes em afirmar — não recebemos a nossa correspondência com a rapidez almejada.

Hodiernamente com a utilização das velozes aeronaves as distâncias se encurtam; e o tempo despendido entre a entrega da carta pelo remetente e o recebimento da mesma pelo destinatário é igual ao número de horas gastas para a travessia aé-

rea acrescida das necessárias à censura. Esta não pode ser abolida, pois disto aproveitar-se-iam os sabotadores para enviar notícias falsas e alarmantes às fôrças com o fito de carunchalhes o moral.

Foi pensando nesse problema, que tanto aflige os nossos soldados como suas famílias, que lí duma assentada o livro "Cartas da Campanha de Mato Grosso" (1865-66), compendiando a correspondência do tenente Alfredo d'Escraguolle Taunay ao seu genitor e à sua irmã D.^a Adelaide de E. Taunay Doria. O joven tenente, refletindo bem a educação recebida no lar, apesar dos seus vinte e dois anos, sabia ser um dever seu proporcionar aos seus pais, irmãos, parentes e amigos a alegria e o conforto de uma cartinha sua, às vezes remetida dos invios sertões de Goiás e Mato Grosso.

Sua viagem foi uma verdadeira Maratona: Rio — Santos — S. Paulo — Campinas — Mogí Mirim — Uberaba — Margens do Paranaíba — rio dos Bois (Goiás) — Dôres do Rio Verde — Coxim (Mato Grosso) — Miranda — Nioac — Bela Vista (Paraguai).

As primeiras missivas são repletas de entusiasmo como a exprimir o verso do poeta: "as esperanças vão conosco à frente". Mas já chegando a S. Paulo, sente que nem o govêrno nem o povo se haviam empolgado pela causa que o fizera deixar a côrte e partir disposto a dar por ela até a própria vida. "A administração provincial (dizia Taunay ao seu pai) quasi nada tem feito para o preparo de nossa expedição, aqui encontramos a frieza pelas cousas militares, verdadeiro indiferentismo." Este período é um vero termômetro do momento nacional em abril de 1865.

A tropa que ia desafrontrar a honra do império não tinha nem armamento nem disciplina. Era um magóte de 570 homens ao sair a coluna de S. Paulo. Todavia a esperança de que se fôsse engrossando pelo itinerário acalentava a cabeça do chefe.

Em Campinas houve uma longa parada de mais de três meses, com bailes e festas. Tão grande foi o tempo que o culto tenente do corpo de engenheiros tomou a peito fazer o projeto da construção da catedral campineira. E avançava ironicamen-

te uma crítica: — “Lá se vão quasi dois meses de inação, direi quasi de folia, passados nesta cidade.”

Quando acamparam para iniciar a marcha com uma velocidade de 12 a 18 quilômetros por dia, as deserções iam, diuturnamente, rarefazendo as fileiras da magra coluna.

Em Uberaba houve nova e demorada parada. Os engenheiros tiveram tempo de levantar e traçar novos alinhamentos da mimosa cidade. Havia falta de mantimentos e como se fôsse escrito agora, em 1945, disse Taunay: “Tôda a riqueza da zona consiste na criação; daqui saem grandes pontas de gado que se destinam ao Rio de Janeiro. Últimamente os boiadeiros as tangem de preferência para Campinas e S. Paulo, por causa das condições do monopólio de carne verde que os prejudica.” Sempre a ganância, sempre os aproveitadores a explorar o povo, nos momentos de crise nacional.

Como uma desgraça não vem sozinha, apareceu a varíola no seio da soldadêscia, trazida do Norte pelo Corpo de Artilharia do Amazonas. Naquele tempo não havia a seleção feita através da inspeção de saúde, tão rigorosa e eficaz nos nossos dias. Qualquer mulambo humano podia ser soldado, desde que fôsse capaz de dar um tiro. Isso se arraigou na consciência popular e hoje, quando exigimos soldados alfabetizados, com o coração, vasos e pulmões perfeitos, sem pés chatos e com seis pares de dentes articulados, acham os granfinos serem exigências descabidas e comentam errôneamente: por que não pegam os negros dos morros ao invés dos filhos de boas famílias que têm posição firmada na sociedade?

Atravessava Valinhos, em Goiás, quando sentiu Taunay o desânimo de ver dois correios chegarem sem trazer nada para êle e, por falta de notícias, não tinha coragem de escrever aos seus, sentindo-se já esquecido e fazendo máu juízo do mensageiro. “Todos os meus companheiros queixam-se amargamente de tais irregularidades e o clamor é geral.” Mais tarde, em Mato Grosso, ainda se queixava: “A aflição que V. e a bôa mamãe sentem assim como todos os nossos parentes, também é por mim vivamente compartilhada. O desânimo de não receber cartas de casa e a minha incerteza de não dispor de meios para

dar notícias minhas, puseram-me num estado de tédio e de excitação que se reflete em minha saúde." Agora, com todo o progresso do nosso século, as mesmas amargas recriminações se repetem e o desassocêgo, por igual motivo, generalizou-se.

Há dias os jornais nos deram notícia de que uma rapariga se fardara para acompanhar o marido destinado às forças expedicionárias brasileiras. O telégrafo tem-nos cientificado de casos idênticos de mulheres bélicas que, valendo-se de suas feições masculinizadas, conseguem lutar como homens. São logo, sem que se saiba porque, cognominadas Joanas d'Arc. Em 1865 surgiu a primeira sargenta Jovita para mal exemplar o seu sexo. Taunay que teve ensancha de ver a fotografia da moça num jornal, assim se referiu ao caso, tecendo um belo elogio às discípulas de Florence Nightingale e Ana Nery: "Entretanto Polidoro (General Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão), como homem de muito juízo e bom senso, fez muito bem não consentindo a partida daquela patriota como soldado. O papel de enfermeira para a mulher que queira dedicar-se é o mais elevado e nobre possível; concilia a dedicação e a conveniência, a abnegação e a dignidade. A piauiense devia considerar tudo isto e em lugar de seus instintos belicosos, lembrar-se de que para uma mulher é mais nobre sanar feridas do que as abrir."

A coluna foi-se arrastando até Coxim, onde havia sido aplicada a doutrina da terra arrasada, nem as laranjeiras foram poupadas. Tudo derrubado e revolvido. Estavam em princípios de 1866 e as chuvas tudo haviam inundado. As bâtegas caíram do céu ininterruptamente durante o mês de janeiro inteiro. "Amanheciam dias esplêndidos, de magnífico sol. Ao meio dia tínhamos calor sufocante. As três da tarde armava-se indefectível trovoada, violentíssima às vezes, tomando até ares de ciclone. E lá vinha o dilúvio! Baixava a temperatura e a noite ficava estrelada e chegava a fazer até algum frio."

A marcha lenta da coluna impressionou muito mal às autoridades militares do Rio de Janeiro, que acabaram por destituir do comando o coronel Manoel Pedro Drago e submetê-lo a Conselho de Guerra pelo ocorrido. Entretanto Taunay o de-

fende ardorosamente, solicitando até o auxílio de seu pai junto ao Imperador.

O comandante não tinha culpa alguma. Deram-lhe um rumo e um punhado de homens subalimentados e sem instrução e disciplina militares. Como iria atuar aquela tropa no sul do grande Estado central, ninguém o sabia. Não havia nem plano preestabelecido. Tudo fôra feito de oitiva.

Assevera o futuro Vistconde de Taunay que com 10.000 homens aquela coluna poderia adentrar-se no Paraguai sem topar obstáculos sérios apressando o final da luta, mas com os 2.000 maltrapilhos as "nossas operações devem limitar-se a tomar três ou quatro entrincheiramentos, com tôda a prudência necessária para ter uma bôa linha de retirada, visto como Lopez pode em cinco dias nos lançar ao encalço, de Assunção, 4 a 5 mil homens e levar-nos de vencida." O tenente raciocinara perfeitamente, pois foi o que aconteceu, dando-nos margem a viver a epopéia da retirada de Laguna, sem que o inimigo lançasse mão de tanta tropa; bastou uma bôa cavalaria.

Mesmo minada pela doença e faminta, uma tropa pode ser coroada de bom êxito nas suas operações, se fôr conduzida por um bom chefe. A Drago sucedeu o brigadeiro José Antônio da Fonseca Galvão que, em pouco tempo, sucumbiu em seu posto, minado por doença contraída no acampamento. Assumiu o comando o coronel Joaquim José de Carvalho, homem truculento e sem visão. Meteu a sua tropa nas ruínas da vila de Miranda e deixou que a indecisão o dominasse. Ora queria marchar sôbre o Apa, ora desejava ir retomar Corumbá. Enquanto não tomava uma deliberação, sua tropa ia-se apodrecendo minada pelas mais terríveis doenças, uma das quais produzia a paralisia dos membros inferiores. Os esculápios não sabiam o que fazer. Um deles ia "a torto e a direito enchendo a barca de Caronte e despachando como assecla de Platão os doentes que lhe caíam às garras."

Todos desejavam mudar o acampamento para a saudável e estratégica Nioac menos o desatinado comandante que tinha